

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

ATA Nº 050 - “B”

PRESIDENTE - DEPUTADO RIVA
1º SECRETÁRIO - DEPUTADO HUMBERTO BOSAIPO
2º SECRETÁRIO - DEPUTADO NICO BARACAT

O SR. PRESIDENTE (RIVA) - Autoridades presentes, Senhoras e Senhores, boa-noite.

Convido para compor a Mesa de Honra o Exmº Sr. Deputado Humberto Bosaiipo, 1º Secretário e para assumir a 2ª Secretaria, o Deputado Nico Baracat.
(O SR. DEPUTADO NICO BARACAT ASSUME A 2ª SECRETARIA.)

O SR. PRESIDENTE (RIVA) - Convido ainda para compor a Mesa o Exmº Sr. Rogério Salles, Vice-Governador do Estado de Mato Grosso; o Exmº Sr. Deputado Federal, Osvaldo Sobrinho; o Exmº Sr. João Alberto Novis Gomes Monteiro, Presidente da Academia Mato-grossense de Letras.

Invocando a proteção de Deus e em nome do povo mato-grossense, declaro aberta a Sessão Solene no dia 26 de abril, em comemoração aos 500 anos do Brasil.

Convido a todos para que, em pé, possamos ouvir o Hino Nacional Brasileiro, executado na viola de cocho pelo Professor Abel Santos, com seus filhos Daniel e Lucas.
(NESTE MOMENTO, É EXECUTADO O HINO NACIONAL BRASILEIRO PELO PROFESSOR ABEL SANTOS E SEUS FILHOS DANIEL E LUCAS - PALMAS)

Registramos a presença da Exmª Srª Deputada Serys Silhessarenko, dos Exmºs Srs. Deputados: Hermínio J. Barreto, Zé Carlos do Pátio, Amador Tut e Emanuel Pinheiro.

Registramos ainda a presença da Exmª Srª Marlene da Silva Oliveira Santos, Subsecretária de Estado de Educação, neste ato representando o Secretário Carlão Nascimento; do Pastor Sena, Assessor de gabinete do Prefeito Roberto França, da Prefeitura Municipal de Cuiabá, do Sr. Luiz Benvenuti Castelo Branco de Oliveira, chefe de gabinete da Secretaria de Estado de Comunicação Social; Professor Bismarck Duarte Diniz, Coordenador de Pesquisa e Monografia da GPA das Ciências Jurídicas da UNIVAG; Professora Lizabeth Aguirre, Diretora Acadêmica da UNIVAG; Professor Marcos Prado Albuquerque, Assessor Especial da GPA das Ciências Jurídicas; os acadêmicos do 4º ano do curso de Direito e acadêmicos do curso de História da UNIVAG; Exmº Professor Dr. João Virgílio do Nascimento Sobrinho, DD. Procurador do Estado de Mato Grosso e gerente do grupo de produções acadêmicas das Ciências Jurídicas da UNIVAG; Srª Professora Maria de Fátima Liso, Coordenadora do Núcleo de Prática Jurídica do Grupo de Produções Acadêmicas das Ciências Jurídicas da UNIVAG; Srª Ana Larissa Adorno M. Oliveira, Coordenadora de Pesquisa e Extensão da UNIVAG; Srª Professora Lúcia Helena Gaeta Aleixo, membro da Gerência de Produção

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

Acadêmica do curso de História da UNIVAG; Exmº Sr. Aparecido Gerson Spolador, Deputado Federal da Maçonaria Grande Oriente do Brasil; Tenente Fábio, representando o 44º Batalhão de Infantaria Motorizada.

Convidamos, neste momento, para sua apresentação, o Coral Municipal de Cuiabá, sob a regência do Sr. Iuri Algaia Assunção, que apresentará as músicas: “Cuiabá”, de autoria de Teté Spindola e Carlos Nenó, com arranjo de Wilson de Oliveira e “Berimbau”, de Vinícius de Moraes e Baden Pawell, com arranjo de Arlindo Teixeira.

(NESTE MOMENTO, SÃO ENTOADAS AS MÚSICAS CITADAS PELA PRESIDÊNCIA - PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (RIVA) - Registramos e agradecemos a presença do Grupo de Capoeira “Ave Branca”, do Cristo Rei.

Registramos, também, as presenças dos Exmºs Srs. Deputados Carlos Brito, Jair Mariano e Alencar Soares.

Registramos e agradecemos as presenças dos palestrantes: Sr. Pastor Sebastião Rodrigues de Souza, Presidente da Assembléia de Cuiabá, Vice-Presidente da Convenção Nacional de Pastores e Presidente da Convenção Estadual de Pastores da Assembléia de Deus; Dr. Alfredo Motta Menezes, doutor em História da América Latina; Dr. Dráuzio Antônio Medeiros, Diretor-Geral da UNIVAG; Exmº Sr. Dr. Díocles Figueiredo, Presidente da Academia Maçônica de Letras; Srª Elizabeth Madureira, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Convidamos, neste momento, para fazer uso da palavra, o Sr. Pastor Sebastião Rodrigues de Souza.

O SR. SEBASTIÃO RODRIGUES DE SOUZA - Exmº Sr. Presidente, digna Mesa Diretora, Srs. Deputados, Senhoras e Senhores, a minha saudação é com a paz do Senhor Jesus.

Honrou-me muito o convite para participar desta Sessão Solene em ação de graças a Deus, eu creio, em comemoração aos 500 anos de descobrimento do nosso querido Brasil.

A Bíblia, no Salmo 33, Versículo 12, nos diz: “Bem aventurada é a Nação cujo Deus é o Senhor”, e nós, brasileiros, temos a sorte de viver num país descoberto por cristãos. Isso porque no nosso Planeta tem vários segmentos religiosos. Não obstante, todos nós sabemos que a vida espiritual se prende exclusivamente em Jesus Cristo, filho de Deus, que nasceu da Virgem Maria, cresceu como qualquer criança e, finalmente, foi crucificado, morreu pregado na cruz, ressuscitou ao terceiro dia para a salvação de todo aquele que nele crê.

Mas, temos a sorte, repito, de viver em uma nação, de termos nascido em uma nação cujos descobridores foram cristãos.

Pedro Álvares Cabral, fidalgo e navegador português, nascido em 1460, morrendo em 1526, encarregado pelo Rei Dom Manoel, do comando de uma expedição, as Índias Orientais, partiu de Lisboa, em 09 de março de 1500, com uma frota de quinze navios e uma tripulação de mil e quinhentos homens. Afastando-se da costa da África, descobriu o Brasil, em 22 de abril de 1500. Desde então, tanto ele quanto aqueles que ao longo desses cinco séculos lutam em favor de uma pátria no intuito de fazê-la capaz de trazer felicidade a todos os seus cidadãos. Sabemos das dificuldades que os mandantes desta Nação, desde Pedro Álvares Cabral, que morreu sem perceber a grandiosidade da Terra de Santa Cruz, que ele acabara de descobrir, não obstante ela já ter sido vista por outros homens, mas ele não imaginava nunca que havia descoberto um País continental.

Nós que vivemos hoje, quinhentos anos depois, observamos as dificuldades que os nossos administradores, tanto no Poder Legislativo, como no Judiciário, como no Executivo, lutam para tornar o Brasil melhor, um Brasil justo, pois que cem por cento não é possível conseguir, mas, às vezes, pode melhorar alguma coisa mais. Isso nós sabemos!

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

Nós lemos também, reportando aos nossos descobridores, como homens cristãos que foram, talvez se houvessem aplicado o ensino da palavra de Deus com mais intensidade, como lemos em Mateus, Capítulo 28, Versículo 19: “Portanto ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”.

O homem precisa das coisas materiais, mas o homem precisa do Criador. E se a nossa Nação brasileira voltar para o Criador as coisas se endireitarão. A gente sofre com essas instituições e esses grupos que lutam em favor de uma conquista, mas às vezes o fazem usando um método que não é o correto, nesse caso, talvez, se houvessem sido ensinados, todo brasileiro, desde quinhentos anos atrás, o nosso Brasil hoje seria diferente.

Em Deuteronômio, Capítulo 28, Versículo 1, nós lemos: “Se ouvires a voz do Senhor, teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que eu te ordeno hoje, o Senhor, teu Deus, te exaltará sobre todas as nações da terra”. É uma palavra que Deus disse a Israel.

Todos conhecem a história de Israel, uma Nação pequena, sofrida, muito embora com seus erros graves por não haver recebido o Senhor Jesus como o Messias prometido, uma vez que Ele O é. Por isso sofrem as conseqüências criadas por Abraão, quando deixou a sua esposa, que não tinha filhos, e teve filho com a escrava. Aí começou a guerra, mas o Senhor, através de Moisés, deu-lhes uma lição.

Se eles observassem, ainda hoje eles teriam a solução para os problemas graves que remontam há milhares de anos.

Todavia, nós, brasileiros, estamos hoje agradecendo a Deus e comemorando juntos os 500 anos do Brasil. E eu creio, particularmente, que, se houver uma reflexão dos nossos Governantes, se voltarem para Deus e deixarem religiões misticistas, Deus voltará para o Brasil e as coisas serão contornadas.

Salomão, o grande Rei de Israel, no seu livro de Eclesiastes, comenta sobre riquezas, sobre possuir bens, fazendas, gados de toda espécie, escrever livros, estudar e ele acrescenta dizendo: “De tudo o que se tem ouvido, o fim é: teme a Deus e guarda os seus Mandamentos, porque esse é o dever de todo homem, porque Deus há de trazer a juízo toda obra, e até mesmo aquilo que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau”.

Vemos aqui que, de repente, o homem se vê rodeado de tanto poder, outros de tantas faltas, que a criatura deixa o espiritual e se volta para o material. É tempo de deixar o materialismo e voltar para Deus, para que Deus abençoe o Brasil mais do que o Brasil tem sido abençoado nesses longos anos, para o bem dos senhores que governam a nossa Pátria, para o bem daqueles que são pobres e não têm às vezes a quem recorrer, para o bem de todos os brasileiros, para o bem de todos nós e para a glória de Deus, de quem somos, a quem devemos obediência e a quem teremos que um dia prestar contas de tudo o que fizemos aqui na terra, como citei na palavra de Salomão. E a Bíblia enfaticamente ainda nos afirma: “A benção de Deus é que enriquece e não acrescenta dores”.

Congratulo-me com a Assembléia Legislativa, com todos os senhores aqui presentes, em nome da Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Cuiabá, do Estado de Mato Grosso, de todo o Brasil, da qual sou o segundo Vice-Presidente. Que Deus abençoe Cuiabá, a Assembléia Legislativa, os governantes, o Presidente da República, o Governador do Estado, Prefeitos municipais, as autoridades constituídas, militares, eclesiásticas, que Deus abençoe a todos indistintamente. Que neste primeiro ano, depois de 500 anos, tenhamos um Brasil melhor. Oramos em favor disso. Deus abençoe a todos. Muito obrigado. Tenho dito.(PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (RIVA) - Agradecemos ao Pastor Sebastião Rodrigues de Souza pelas palavras.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

Convidamos para usar da palavra o Prof. Alfredo da Mota Menezes.

O SR. ALFREDO DA MOTA MENEZES - Vice-Governador Rogério Salles, Presidente da Assembléia Legislativa, em nome de quem eu cumprimento todas as autoridades aqui presentes, meus senhores e minhas senhoras.

À pessoa que conversou comigo para que eu viesse, digamos, a essa solenidade sobre os 500 anos, eu pedi algum tempo para pensar, porque não viria aqui falar sobre colonização, colonizadores, questão indígena, o que aconteceu no início, esse tipo de coisa. No outro dia concordamos e me foi dada a liberdade de falar sobre um tema que eu venho trabalhando, sobre os 500 anos, sobre o Brasil, seja em palestra, antes em sala de aula, também em coluna de jornais e em outros meios de comunicação. Algumas coisas relacionadas ao Brasil, à história brasileira e que tem a ver com o que nós estamos vivendo neste momento no Brasil. Eu só vejo a história nesse sentido, e não ficarmos lá no passado, não trazer nenhuma experiência, não trazer nada para esta realidade que estamos vivendo. Então, não seria a história como eu vejo.

No aspecto político, por exemplo, o Brasil debate há muito tempo se nós queremos a descentralização política e tributária ou se nós queremos a centralização. Se nós queremos mais autonomia aos Estados e municípios num verdadeiro federalismo ou se isto vai ficar centralizado em Brasília, no Rio de Janeiro ou na Capital Federal ou onde quer que seja. Mas, não definimos isso e nós temos que definir isso, nós temos que tomar um rumo. E ao mesmo tempo, eu sou a favor da descentralização, eu sou a favor do federalismo mais forte, municípios mais fortes, Estados mais autônomos. Mas, ao mesmo tempo, quando se volta na história, 300 anos da colonização portuguesa, o Estado centralizador, onde tudo era decidido na Europa e não se tomava uma medida aqui que não fosse decidida antecipadamente lá. Quando nós pegamos um dos braços da conquista que é a igreja católica, que ajudou na conquista, na colonização, nós vemos que a igreja católica obedece a centralização, uma hierarquia de Papa, de Arcebispo, de Bispo e de tudo mais.

Então, a base política e religiosa da colonização é a descentralização. Ela não nos passou, nós não temos esta herança da descentralização. Nós não podemos, como quis fazer o México num período depois da independência, imediatamente copiar a Constituição dos Estados Unidos, autonomia para estados e municípios - o que tentou, não demorou dez, doze anos. Essa Constituição foi revogada, porque aquilo não passava, porque a herança colonial do México é como a nossa, é centralização.

Pegamos alguns outros exemplos - é claro que existem estudos no Brasil - mas, confesso que vi isso pela primeira vez em estudos no exterior. A Constituição brasileira logo depois da independência era centralizadora, apareceu até um Poder Moderador, um quarto poder, digamos assim, um poder extra que era o imperador, e quando havia problema, ele que decidia. Eu acredito, pessoalmente, que esse Poder Moderador, no Brasil, passou a ser o Exército ao longo do tempo, não sei hoje, mas ao longo de bastante tempo.

Veio a República, a Constituição da República era descentralizadora, ou seja, mais autonomia a estados e municípios. Não foi para frente com isso, porque a realidade nacional mostra estudos de professores brasileiros, como Maria Isaura Queiroz, da USP, que, mesmo a Constituição prevendo a descentralização, tudo se decidia no Rio de Janeiro, que era o Presidente que indicava o Governador, que tinha isso, que tinha aquilo, ou que aquele Governador fosse eleito, mas estava ligado ao Coronel tal que indicava o prefeito, o coletor, ou melhor dizendo, o coletor de impostos, o delegado. Era uma ligação tamanha que mostrava que a centralização mesmo com a Constituição que previa a descentralização continuava centralizada por parte da herança que nós trazemos desde o início da colonização.

Veio o Estado Novo de Getúlio Vargas que previa a centralização, ou seja, uma

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

centralizava, a outra, descentralizava, esta outra centralizava outra vez.

Veio a Constituição de Dutra, vamos chamar assim, depois da II Guerra Mundial, ares de democracia, influência americana inglesa, ela previa a descentralização, ela previa mais autonomia para estados e municípios.

Em 1967, num remendo, vamos chamar assim, constitucional que houve, na época dos militares, o que é que ocorreu? Centralizou de novo.

Veio 1988, a Constituição Cidadã, do Sr. Ulisses Guimarães, o que é que ela previa? Descentralização, autonomia para estados e municípios.

Veio Fernando Henrique para fazer o Plano Real, a primeira medida era tirar 20% dessa descentralização, centralizar em Brasília para que pudesse fazer a distribuição a partir de Brasília.

Nós estamos discutindo neste momento a reforma fiscal e tributária e não tomamos rumo ainda, a minha impressão é que nós não sabemos o que queremos! Nós queremos mais autonomia para os municípios? Eu pergunto: os municípios têm condições de arrecadar e tocar sua vida quase de forma autônoma? A Assembléia Legislativa, por exemplo, criou alguns, esses municípios têm condições de tocar a sua vida própria, ou dependem de Brasília? Nesse caso qual é o rumo que nós vamos tomar depois de 500 anos? Federalismo? Autonomia, Estados e Municípios? Ou vamos continuar com a herança portuguesa da centralização?

Eu deveria dizer no início que eu não ia trazer respostas, vim trazer mais indagações, mais assuntos para reflexão, mais confusão para a cabeça da gente, digamos assim.

O segundo ponto, que me interessa muito é: qual o modelo econômico que nós queremos para o Brasil? Nós não temos, ainda, na cabeça nossa claro o modelo político, tributário e fiscal. Qual o modelo econômico que nós queremos depois de 500 anos? Liberalismo econômico? Ou capitalismo?... A Deputada Serys Slhessarenko está sacudindo a cabeça que não. Queremos a presença do Estado na economia? O que nós queremos? Qual o modelo que nós queremos? Se nós não temos claro qual o modelo político ou tributário que queremos, qual o modelo econômico que nós queremos para tocar o barco? Nós estamos amarrados! Os outros estão livres para caminhar como potências, outras estão livres para caminhar nesse aspecto porque já se definiram. Os Estados Unidos se definiram por quê? Eles querem o liberalismo econômico, não importa, não tem entrave. E, nós não sabemos para onde vamos! Isso tem base, também, outra vez, nos 500 anos, tem base outra vez nos 500 anos!

Quando eu tocar aqui em religião, por favor, eu respeito muito a religião, não estou falando em questão de dogma, de crenças, nada disso, eu estou falando no aspecto, digamos assim, mais material. É provável - e aqui tem muitos professores de universidades, existem livros sobre isso, que o protestantismo foi a base para o capitalismo, ele é que é a base! Fundamentalmente, foi o protestantismo. E, nós temos a civilização, a conquista católica. Parte do protestantismo, nem todo ele, chegava a prever até a chamada teoria da predestinação, o que quer dizer isso? Que se o indivíduo fosse - não todo protestantismo, nem todas as correntes, eu estou falando uma pequena corrente, mas isso serve para ilustrar o que eu quero dizer -, se o indivíduo fosse pobre nessa vida, continuava pobre nessa vida é porque o "homem lá de cima" não lhe dava suporte, porque o condenava a ser pobre aqui. Ora, se não dava suporte para ele vencer aqui, como é que ia levá-lo para outra vida? O que quer dizer que fazia o seguinte: você tem que servir este setor aqui, porque Deus quer, e se você é vencedor aqui porque Deus quer, ele te leva para lá também. Comparo isso com a religião católica, que é a nossa base! Eu não estou dizendo que a história acabou, como está se dizendo, ou seja, o liberalismo econômico tomou conta de todos os aspectos da vida deste planeta.

Mas nós vamos para o capitalismo? Temos condições de ir para o capitalismo? Ou não? Qual o modelo econômico que queremos? É uma mistura dos dois? A presença do Estado na economia ainda? De que maneira? Bom, nós queremos ir para o capitalismo. A maioria da população

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

tem condições para isso? Uma parte da elite, uma parte da classe média, uma parte intelectual do Brasil. A maioria tem condições? Eu tenho dúvida a esse respeito.

O terceiro ponto conectado a esses dois, é que como é que depois de 500 anos o Brasil ainda possui milhões de analfabetos? Talvez se tivéssemos resolvido o problema da educação no Brasil, aqueles outros dois problemas, em conjunto, nós arrumaríamos solução! Como é que hoje ainda nós temos, se não me equivooco, entre treze ou mais por cento da população brasileira analfabeta? E analfabeto que não sabe escrever o nome! Alguns acham que alfabetizada é aquela pessoa que pelo menos sabe ler uma carta e responder essa carta. Se nós dissermos que o alfabetizado é isso, no Brasil, quantos por cento nós temos de analfabetos? Então, como é que nós não investimos na Educação? Não é questão de culpar a classe política, não. Não é nada disso, não! É a sociedade que deveria ter pressionado para isso.

A Coréia do Sul, como exemplo, na década de 1950, ela estava para trás do Brasil em ensino, para trás em produção, para trás em todos os sentidos. A Coréia do Sul, com pressão da sociedade, investiu na Educação e eliminou o analfabetismo e tem uma quantidade gigantesca de estudantes nas universidades, no ensino médio e tal... E no Brasil não! Na América Latina, a Argentina praticamente não tem analfabeto, o Uruguai não tem um analfabeto, o Chile não tem, a Venezuela tem pouquíssimo, e no Brasil não, por quê? É uma outra indagação. A culpa é do governante, então? Não, não, não! O governante é assim porque não existe a pressão de baixo para cima para fazer com que ele se modifique! Porque ele precisa do voto, onde está o voto, ele vai atrás. E, se isso dá voto, ou seja, investir na Educação, ele vai investir na educação, não tenham dúvida disso.

Então, a sociedade não está preparada o suficiente para essa pressão. Não é a pressão da greve, não é a pressão disso ou daquilo. É a pressão natural e normal, porque nós resolveríamos grande parte dos nossos problemas, eu tenho certeza, se investíssemos na Educação.

Para terminar, nesses 500 anos vocês já perceberam, nós aqui em conjunto, a quantidade diminuta de heróis que tem o Brasil? Cadê os heróis brasileiros? Se pegarmos a América Espanhola tem o General tal, tem não sei quem, tem não sei quem, pessoas que estão no imaginário popular que, realmente, representam heróis daquela comunidade, daquele povo. Quais são os nossos heróis? No mundo político nós temos uma necessária criação, vamos dizer assim, que é Tiradentes. Lá atrás, quem mais? Na época da República quem? Quem proclamou a independência foi um português - e foi embora. Deodoro da Fonseca não; Getúlio Vargas não. Ou seja, da classe político-administrativa do Brasil praticamente nenhum ficou no imaginário popular como nosso herói. Essa é uma outra indagação. Por quê? Nós destruímos os heróis? Por que o Aeroporto do Rio de Janeiro, o mais charmoso do Brasil, tem o nome de um dos maiores músicos? Não é Charles De Gaule, não é John Kennedy, não é nenhum grande herói da política brasileira. Nos 500 anos não criamos isso, por quê? Porque não temos a educação suficiente, porque o brasileiro é sarcástico e destrói os seus heróis, como dizia Getúlio Vargas? Nós não temos! E esta Casa é política.

Para terminar, Sr. Presidente, é interessante vermos como, da parte administrativa, da época da República para cá, nós não temos um grande nome que, realmente, tenha ficado na memória do povo como um grande herói. Isto é interessante, e é outra coisa que trago para nossa reflexão neste dia de comemoração dos 500 anos. Muito obrigado. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (RIVA) - Queremos agradecer ao Professor Alfredo Motta Menezes.

Registramos e agradecemos a presença do Deputado Eliene, do Deputado Benedito Pinto, do Deputado Romoaldo Júnior e do Deputado Baú.

Queremos registrar e agradecer a presença da Professora Jacy Proença, do *Rotary* Clube Cuiabá Porto.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

Queremos, também, registrar e agradecer a presença do Sr. Gonçalo Moreno, Presidente do *Rotary* Clube Cuiabá Porto.

Convidamos para fazer uso da palavra o Professor Dráuzio Antônio Medeiros, Ilm^o Sr. Diretor Geral da UNIVAG.

O SR. DRÁUZIO ANTÔNIO MEDEIROS - Exm^o Sr. Deputado Riva, DD. Presidente da Assembléia Legislativa; Exm^o Sr. Rogério Salles, Vice-Governador do Estado; Exm^o Sr. Deputado Humberto Bosaipo, 1^o Secretário; Exm^o Sr. Deputado Federal Osvaldo Sobrinho; Exm^o Sr. Deputado Nico Baracat, 2^o Secretário; Sr. João Alberto Gomes Monteiro, da Academia Mato-Grossense, que compõem a Mesa.

Srs. Deputados, aqui presentes, Corpo Docente da UNIVAG presente, senhoras e senhores, alunos.

Primeiramente, saúdo e agradeço a esta Casa, Sr. Presidente, em nome da nossa Instituição, a honra de proferirmos algumas palavras e alguns pensamentos a respeito dessa data tão importante.

Ao iniciar o processo de elaboração desta fala, lembrei-me imediatamente de um comentário que li, há pouco, feito pelo Historiador gaúcho Eduardo Bueno, acerca das festividades relativas aos 500 anos de Descobrimento do Brasil. Segundo ele, é preciso, primeiramente, redimensionar o sentido da palavra comemorar.

Todos aqui presentes já devem ter constante menção de que no Brasil não teríamos nada a comemorar nesses 500 anos de descobrimento, e que, afinal de contas, não fomos nem sequer descobertos, talvez tenhamos sido inventados.

Relembremos, pois, o sentido do verbo comemorar: Comemorar vem do latim *memorare* e, diferentemente do que celebra o seu uso costumeiro, significa trazer à memória, lembrar coletivamente e não necessariamente festejar.

É que nos propusemos a fazer neste momento.

Considero este fórum não propriamente um fórum de festejo, mas sim de menção solene a uma data que é própria ao resgate do nosso passado. Afinal, como sabemos todos, não há presente nem futuro para um país que não conhece o seu passado. Nesse sentido, parece não haver ocasião mais apropriada que a data dos 500 anos para que cada cidade, cada comunidade, cada cidadão possa pensar em conjunto sobre nossa história de um País jovem.

Acredito pois que através desse pensar coletivo, acerca daquilo que fomos, possamos compreender melhor o que somos e vislumbrar, não o que poderíamos ter sido, mas o que podemos e o que queremos ser. É deste olhar para o futuro, com o siso do passado que precisamos. É ele que poderá redesenhar os contornos de nossa Nação. Reflexões como estas poderão sim contribuir para que sejamos mais justos, mais igualitários e, também, mais felizes.

São fóruns como esses, Sr. Presidente, que desencadeiam os processos sociais através dos quais cada cidadão revê e assume plenamente a sua cidadania. E acredito, tais processos dependem grandemente do valor colocado na Educação. Assim creio que a data dos 500 anos também pode ser um fórum de valorização e resgate da educação de qualidade no Brasil, que é proposta e objetivo de nossa Instituição.

Portanto, ao valorizarmos o ensino, valorizamos também o ser humano do Brasil e acredito ser esse o maior desafio de qualquer instituição de ensino, para quem o ser humano é recurso essencial e o mais importante.

Apenas gostaria de demonstrar o meu otimismo em relação à grandeza de nosso País e de nosso Estado. Não me refiro aqui à grandeza panfletada pelos ufanistas, refiro-me à grandeza de nossa gente, de nosso povo que faz a arte, a educação, a economia e a política acontecerem, de nossa

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

gente que empreende e implanta pequenos e grandes projetos todos os dias, mesmo com escassez de recursos que os inviabilizariam em qualquer outro país do mundo. É ao povo brasileiro que, creio, devemos prestar as nossas homenagens e ao mesmo tempo demonstrar nossos votos solenes para que não continuemos a repetir os mesmos erros do passado e, acima de tudo, possamos dar um salto qualitativo em relação à qualidade de vida de nossos cidadãos.

Quero afinal parabenizar a todos nós corajosos brasileiros. Parabéns Brasil pelo seu jovem 500 anos. Muito obrigado. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (RIVA) - Agradecemos ao Professor Dráuzio Antônio Medeiros.

Convidamos para fazer uso da palavra o Acadêmico Dícles Figueiredo, Presidente da Academia Maçônica de Letras.

O SR. DÍOCLES FIGUEIREDO - Exmº Sr. Deputado Riva, digno Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso; Exmº Sr. Rogério Salles, neste ato representado o Exmº Sr. Governador do Estado de Mato Grosso; Srs. Deputados; minhas senhoras; meus senhores; autoridades civis, militares e eclesiásticas.

O professor Alfredo Meneses disse que não rememorava coisas da história, mas eu sou sonhador e, como sonhador, permitam-me fazer uma viagem rápida, começando pela minha terra natal, Corumbá:

“Serrados contornando lagos,
Correntezas,
Enxurradas,
Guardador de águas,
Berço de chuvas
São os brejos pantaneiros...

Aquário vivo, água limpinha
Quadro Divino da vida e de sons...

De vãos altos descem as garças,
Pureza branca, real beleza.
Pisando firme, andar pesado,
Lenço vermelho, pinta de chefe,
Porte de lorde, o tuiuíú...

A natureza pantaneira
Respira a mata, dorme divina,
Fruto do amor, sonho feliz.
Visão do artista.
Brejos da paz”.

Venho de Corumbá, possuído do mais profundo sentimento de felicidade e agradecido aos que distinguiram a nossa arcádia maçônica para participar desta solenidade que marca os 500 anos do descobrimento do Brasil, em cujo momento, coube-me a primazia de dirigir a cúpula da cultura da arte real neste Estado.

Com o peito arfando de emoção, volvo-me ao anonimato de minha cidade natal, pondo-me, agora, a postos diante dessa seleta platéia e de Vossas Excelências, Srs. Deputados, à

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

consideração que se me apresenta.

Sem os matizes próprios das palavras alcandoradas dos grandes vates e escritores exponenciais desta Cuiabá, homenageio o Parlamento mato-grossense e àqueles que lhes outorgaram a representatividade, o povo, na pessoa de seu Presidente, Deputado Riva, enfatizando sê-lo um homem de fé e de partido. Faz política, porém, faz da ciência política razões éticas, movido por um profundo patriotismo que se consubstancia nesta Sessão cívica.

Pensar no descobrimento do Brasil hodiernamente é repensar o Brasil e os brasileiros, a sua gestação como povo miscigenado e fugido da confluência do entre choque e do caldeamento do invasor, explorador português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos uns e outros aliciados como escravos, talvez.

Com esta confluência arraigada sob a regência dos portugueses, criou-se matizes raciais díspares, tradições culturais distintas, constituições sociais outrora defasadas que se enfrentaram para fundirem um povo novo, construindo um novo modelo de estruturação societária. Por que povo novo? Responde Darci Ribeiro, com sua autoridade ímpar: “Novo, porque surge uma etnia nacional diferenciada culturalmente de suas matizes formadoras fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos.

Também novo, porque se vê a si mesmo e é visto como uma gente nova, um novo gênero humano, diferente de quantos existam. Um povo novo ainda porque é um novo modelo de estruturação societária, que inaugura uma forma singular de organização socioeconômica, fundada num tipo renovado de escravismo e numa servidão continuada ao mercado mundial.

Novo inclusive, pela inverossímil alegria e espantosa vontade de felicidade, num povo tão sacrificado, que alenta e comove a todos os brasileiros, pelo que irradia de si.”

A tudo isso acrescenta-se que é o povo quem faz a língua ou pelo menos determina o sentido se sua evolução, como observa Antônio de Arruda.

Dessa confluência de miscigenação e lingüística deriva uma variedade de regiões, surgindo inexoravelmente “brasis” dentro do Brasil, constituindo então o que consideramos Brasil crioulo, Brasil caboclo, Brasil sertanejo, Brasil caipira e Brasil sulino, resultantes da transfiguração étnica, passando por diversas instâncias onde a ecológica emerge como entrelaçamento homem/natureza/vida/ser, porquanto coexistindo afetam uns aos outros em sua forma física e seu desenvolvimento vital.

Não se descure da transformação econômica, convertendo uma população em condição de existência material de outra, em prejuízo de si próprio, podendo, inclusive levá-la ao extermínio.

É o exemplo da escravidão pessoal, que vem grassando lentamente em face da Lei da Usura e do capitalismo excessivo, com isso desgarrando a pessoa de seu contexto natural e vital para convertê-la em mera força de trabalho a serviço de outrem cujo resultado importará num visível desgaste humano.

Essa interação econômica se dá a toda trama de relações sociais com repercussão no coexistir e conviver minimizando oportunidades de reprodução.

Lembrem-se, nos Estados Unidos, a Lei fundiária criou milhões de granjeiros livres, porém proletarizou-os com isso, urbanizando milhões de trabalhadores, desencadeando o desemprego e a violência.

A mudança psico-cultural, em alguns momentos dizimam populações retirando-lhes o desejo de viver, seja pelo preconceito social ou a discriminação dos valores básicos representando uma forma etnocida.

Lembrem-se; na história do Brasil vimos surgir o brasilíndio como um contingente de

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

vigor admirável tanto na destruição de seu gênio natural, como forma de expandir-se, apropriavam-se de mulheres para reproduzir. Vimos algo semelhante ocorrer com os negros, que refugiando-se num quilombo, reconstituíram a vida e aprenderam a viver no núcleo colonial como forma para readquirir sua dignidade e possibilitar a sua sobrevivência.

E, Mato Grosso não ficou a deriva dessa metamorfose sócio-econômica-cultural segundo dissertação de Elizabeth Madureira Siqueira: “Como Mato Grosso era um pouco, um vasto território, também por incluir no atual Estado de Mato Grosso do Sul, podemos imaginar a série de conflitos ocorridos entre capitalistas e nações indígenas. As antigas terras indígenas foram cortadas por estradas; as áreas indígenas, muitas delas ricas em jazidas minerais, árvores diversas e de solo fértil, foram cobiçadas pelos capitalistas, e o drama começou, nesse período, a se tornar mais sério”.

“O que assistimos hoje” - prossegue a Professora Elizabeth - “são nações indígenas reivindicando demarcações de suas áreas e garantia de que estas demarcações sejam respeitadas. De outro lado, capitalistas que, em nome do capital, enfrentam os índios em disputa por essas áreas.”

Por isso, no início desta modesta alocução, enfatizei vir de Corumbá, agora na qualidade de “pau rodado” convicto, como tantos outros que balbuciam, “vorta”, “uai”, “tchê”, “djia”, “porque”, “nhô”, concorrem e participam dessa orquestra, dessa integração psicossocial nesta vasta região constituída numa daquelas “ilhas culturais” referidas por Fernando de Azevedo, “marcando na paisagem natural o esforço constante do homem para a posse do meio e a utilização das forças da natureza”. Por acreditar na força da natureza, é que revitalizo meus ideais e reforço minha convicção na formação do caráter brasileiro, cujas árvores nos deram bons frutos ao longo da nossa história; uma história marcada de luta, mas que se concretiza na glória do passado pela convivência, trabalho, estudo, respeito, ordem, liberdade, direito, verdade, coerência, fé e virtude, devendo tudo isso ser paz no futuro plantados e replantados como alimentos na alma de nosso povo, assegurando-lhes como produto nutricional um valor sumamente materializado que nem o tempo haverá de consumi-lo, destruí-lo ou apagá-lo.

Porque acreditando no equilíbrio, na ponderação, na coragem e no direito à felicidade para todos, como ideal comum dos que vivem e amam o Brasil, é que continuo acreditando na democracia como dogma maior da dignidade do ser humano, na renovação da esperança e na identidade nacional.

Creio “que o sol da liberdade brilhando em raios fúlgidos” prevalecerá sobre o revanchismo, intolerância e radicalismo; crendo na autenticidade do brasileiro que não fugindo à luta manterá o espírito de justiça, de fraternidade e de paz entre os que fazem a Pátria Brasileira.

Pátria Brasileira, Senhores, tenho comigo como um apanágio de força a nos unir à terra que nos nutre, ao sol que nos aquece, à latitude que nos dimensiona, à seiva que corre em nosso sangue, porquanto ela, Pátria Brasileira, não guarda similitude como mera figura de retórica; é o espírito, a alma, o corpo e o sentimento do brasileiro.

É certo que tudo não transcorre como esperamos que o Brasil deva ser; pois que, a própria natureza humana seja uma eterna insatisfeita, contradiz-se, ora aceita teses como propugna antíteses, ora alui, ora dilui, porque ainda há alguns descrentes.

Não podemos esconder a presença dos fracos, insatisfeitos, invejosos, trãsfugas, apátridas, perversos, individualistas sem noção nem amor pela Pátria, pela família e até por Deus.

Sei, e sabemos todos, que há traidores, ambiciosos que, ainda nos dias atuais, disputam com os dados da cobiça a túnica inconsútil de Cristo. Sei e todos sabemos que eles estão presentes por vezes tentando arrombar ou por vezes arrombando as portas dos fundos de nossos lares, neles penetrando, anestesiando ou entorpecendo nossas mentes para, num ato de ‘guerrilha psicológica’, ultrapassarem fronteiras da nossa Pátria, agredindo, corrompendo, subvertendo, estimulando o ódio, a

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

ganância, o desfibramento moral, desestabilizando uniões, costumes, tradições, destruindo culturas e até afeições, mas a vibração do vento que balança nosso pavilhão tal qual ondas de renovados entusiasmos revigoram o coração da maioria dos brasileiros e reacendem em suas almas o fogo simbólico da Pátria, mantendo a chama viva haurida deste pavilhão de justiça e de amor para proclamar que a nação jamais se abalará enquanto o entusiasmo estiver presente sobre o desânimo, a serenidade contiver os desatinos, o sentimento do dever superar a irresponsabilidade, a honra for maior que a covardia, a honestidade sufocar a apatia moral e acima de tudo nas situações difíceis da vida nacional possam estar presentes na contenda das idéias bradando: “Brasil de amor eterno seja símbolo; o lábaro que ostentas estrelado; e diga o verde louro desta flâmula; paz no futuro e glória no passado.”

Disse. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (RIVA) - Agradecemos ao acadêmico Dr. Dócles Figueiredo.

Convidamos para fazer uso da palavra a Professora Elizabeth Madureira, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

A SR^a ELIZABETH MADUREIRA - Sr. Presidente da Assembléia, Deputado Riva, Exm^o Sr. Vice-Governador, demais componentes da Mesa, Srs. Deputados, Senhoras e Senhores.

Mato Grosso, distante geograficamente dos Estados litorâneos encontra-se, até certo ponto, desprivilegiado na historiografia nacional que, por desconhecimento do contexto do Centro-Oeste, deixa de destacar alguns dos importantíssimos papéis que Mato Grosso desempenhou na Constituição da nacionalidade brasileira.

Vale lembrar, primeiramente, seu relevante papel na configuração geopolítica do território nacional, pois os avanços bandeirantes, rumo ao Ocidente, rompendo o Tratado de Tordesilhas, foram capazes de garantir as possessões lusitanas a extensa e dilatada fronteira oeste, vindo consignar a então Capitania de Mato Grosso o Estatuto de Antemural da Colônia. Guardiães de fronteira oestina, os colonos que povoaram a extrema raia ocidental fizeram vingar os limites traçados por Madri, cujo princípio do *Uti Possidetis* garantiu, praticamente, a mesma fronteira que o Brasil tem hoje nesse espaço territorial.

De outro lado, Mato Grosso continuou lutando na defesa de um território a tão duras penas conquistado, cujas marcas de sangue, fruto de luta contra os nativos, indígenas, ainda hoje estão a calar na face e na memória de todos. Lutas, guerras, conquistas contra os silvícolas, contra os espanhóis, contra os jesuítas, eis a grande marca do processo colonial brasileiro.

Essa brava gente que por aqui ficou, foi se consolidando política e socialmente, e, na primeira metade do século XIX, terminou por empreender uma guerra política, desta vez contra os portugueses, colonizadores, desfechando uma luta precoce em termos nacionais. Mato Grosso depôs, antes um ano da Independência do Brasil, o último Capitão-General, Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho. Vale lembrar que Mato Grosso acompanhou a movimentação de algumas poucas capitâneas, como foi o caso da de São Paulo que antecipou, por assim dizer, a processo de Independência, passando nosso território a ser dirigido por Juntas Governativas, compostas de brasileiros, em sua maioria nativos da terra.

Num terceiro momento, que destaco nessa compreensão da nacionalidade, foi em 1834. Mato Grosso desponta como uma das primeiras províncias a desencadear movimentos armados a favor das garantias constitucionais e contra a dominação política de uma elite, em sua maioria estrangeira ou mesmo nativa remanescente do período colonial e que vinha sendo beneficiária da política do primeiro Imperador do Brasil, que abdicara no ano de 1831. O temor da volta do Brasil à condição de Colônia, a revolta contra os privilégios aos estrangeiros, fez com que a Rusga, em Mato Grosso, eclodisse com todos os sintomas de um movimento tipicamente nativista, liberal e continuista. Não foi, certamente, um movimento popular, na verdadeira acepção do termo, mas uma luta inter-

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

elites, sendo que aquela tupiniquim pegou em armas reivindicando a condução dos destinos provinciais.

Mais tarde, Mato Grosso vai mostrar o seu valor durante a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, defendendo bravamente suas fronteiras, que a tão duras penas conquistaram no período colonial, contando apenas com sua própria gente. Essa movimentação não se cingiu apenas aos séculos passados, e Mato Grosso foi responsável pela revisitação da uma larga faixa da Amazônia, graças aos trabalhos comandados por Cândido Mariano da Silva Rondon, pela Fundação Brasil-Central e Expedição Roncador-Xingu.

Destaco, para finalizar, a forte, intensa e visceral ligação de Mato Grosso com as águas, seja através da ligação fluvial setecentistas que, com as Monções, integraram a parte sul, pelos rios Tietê até Cuiabá, uma hidrovia que possui uma rica e ao mesmo tempo sangrenta história, marcada por guerras intermitentes contra os Paiaguás e Guaicurus, remanentes ancestrais do nosso território.

Lembremos também das Monções do Norte, cuja navegação foi aberta para abastecer a primeira capital de Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade, cuja rota extrema tinha, no lado sul, o Rio Guaporé e do lado Norte o Rio Amazonas. A movimentação comercial, destacou-se com a Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, constituída de ações de afortunados lusitanos, e implementada pelo ilustrado Marquês de Pombal. Nesse período, a alimentação era o peixe, a mandioca *in natura* e sob a forma de farinha, a banana, a carne seca e o arroz com pequi, do açúcar mascavo, além dos frutos silvestres.

No século XIX, especialmente após o término da Guerra do Paraguai, a hidrovia Paraguai/Estuário do Prata/Atlântico foi capaz de estabelecer as bases da primeira ligação de Mato Grosso com o comércio internacional. Esse tipo de comunicação transformou o cenário regional. Com a mineração já decadente, Mato Grosso encontrou nesse comércio uma grande opção para sua economia. Datam desse período o extrativismo, a coleta da ipecacuanha ou poaia, da erva-mate, da borracha, produtos que Mato Grosso exportava, além do charque, do couro seco, das crinas, das peles, das plumas de animais e outros. Um forte contingente migratório dirigiu-se a Mato Grosso, ocasião em que italianos, belgas, franceses, espanhóis e portugueses fixaram residência nas três mais importantes cidades portuárias: Corumbá, Cáceres e Cuiabá, estimulando financeiramente, através das Casas Comerciais e Bancárias. O capital estrangeiro foi atraído, visto os vastos investimentos a serem feitos em Mato Grosso. A alimentação se sofisticou, os mato-grossenses de melhores posses começaram a consumir bolachas, bacalhaus, azeites, vinhos, cervejas, não deixando, entretanto, de lado a famosa Pinga Tamandaré, produzida rio abaixo.

Essa mesma movimentação comercial foi também responsável pela industrialização, surgindo, então, as usinas, com destaque para Itaici, Flechas, Maravilha, Conceição, Tamandaré, todas rio abaixo. E não nos esqueçamos da Ressaca, Rio Paraguai. Assim, a rapadura, os doces, proliferaram na culinária mato-grossense.

Outro ramo se industrializou, foram os Saladeiros, através de Barranco Branco, Alegre, São João, Pedra Preta, e o Descalvados, perto de Cáceres. Próximo à cidade de Cáceres, chegou a produzir e a exportar o famoso caldo de carne mato-grossense.

A ligação tão sonhada de Couto Magalhães foi a do Tocantins/Araguaia, hidrovia que propiciou a comunicação da Bacia Amazônica com a Araguaia, atingindo a região, mais tarde, levas de nordestinos, nortistas, goianos, responsáveis pelo povoamento do leste de Mato Grosso. Essa região, no século atual, mereceu impulso e colonização, com os garimpos diamantíferos, estabelecidos ao longo do Rio Araguaia, atingindo, com a chegada de mais migrantes, as Bacias do São Lourenço e Cuiabá. Das corrutelas garimpeiras, floresceram vilarejos que transformaram-se em cidades, hoje, municípios. Essa zona diamantífera sob o controle e poder era disputado palmo a palmo pelos chefes locais, ganhou

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

contorno de expressiva cultura nordestina e nortista, expressas nos bailes animados com sanfona, onde o forró, a carne seca e a manteiga de garrafa revelam a opção daquele destemido povo por Mato Grosso.

Foram essas experiências de quase três séculos, responsáveis pela configuração de Mato Grosso, até quase o final da década de 70, quando ocorreu a divisão do Estado. Com ela, pode-se implementar, agora com mais vigor, o processo de colonização da sua parte norte. Levas de pequenos agricultores, simples trabalhadores rurais, deixaram suas terras e empregos no sudeste e sul, passando a desbravar territórios intocados pela atividade produtiva sistemática. De trinta e oito municípios existentes, em 1976, no período da divisão, hoje nós contamos cento e quarenta e dois. Dessa movimentação, dinamizada pelo incremento das empresas de colonização floresceu um Mato Grosso ainda mais diferenciado, que ao lado do bolo de arroz, da paçoca de pilão, da banana, da banana frita, do peixe com mandioca, do bolo de queijo, da manteiga de garrafa, do forró e da sanfona, passaram a conviver também com o churrasco, com o chimarrão, com o tererê, o fandango, o vaneirão e a bombacha.

Desse percurso histórico rico, visto que plural, emerge a especificidade mato-grossense, a exigir ações, antecedidas de reflexão, que levem em conta um passado povoado em sonhos, possibilidades e realizações. Assim, o mundo hoje globalizado, ao contrário do que muitos erroneamente supõem, não está sendo capaz de homogeneizar as trajetórias humanas. Ao contrário, o que se assiste, hoje, longe de negá-las, permite a emersão da história de cada pedaço do globo, num clamor coletivo pela expressão de identidades forjadas historicamente, impossíveis, portanto, de serem silenciadas.

A contribuição de Mato Grosso na constituição da nacionalidade brasileira é prenhe de significado de expressiva contribuição. Rememorá-la na festa dos 500 anos do Descobrimento do Brasil é fazer ecoar, daqui do extremo oeste, a nossa saudação à Pátria que, ao lado de tantas conquistas, deve perseguir uma solução definitiva para o drama dos seus primevos habitantes - os índios - de sabedoria milenar e que resistindo à dominação colonizadora, mantiveram-se, ao longo dos 500 anos, como os arcanos da gente não só os mato-grossense, mas um dos mais emblemáticos símbolos da nacionalidade brasileira. Não olvidemos, mas assumamos, nesta festa do cinquentenário da nossa Pátria o arco, as flechas, a pena, o cocá, o tacá, o cauim e a pajelança. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (RIVA) - Agradecemos a Prof^a Elizabeth Madureira.

Convidamos, neste momento, o Sr. João Alberto Gomes Monteiro, Presidente da Academia Mato-grossense de Letras.

O SR. JOÃO ALBERTO GOMES MONTEIRO - Exm^o Sr. Deputado Riva, Presidente da Assembléia Legislativa de Mato Grosso, Exm^o Sr. Rogério Salles, Vice-Governador do Estado, em nome de quem saúdo os demais componentes da Mesa de trabalho, nobres Srs. Deputados, autoridades civis, militares, eclesiásticas, minha senhoras, meus senhores.

O que caracteriza um grupamento social, e serve de base para que ele se constitua em uma nação, é a sua cultura, e o fator mais importante da cultura de um povo é seu principal modo de comunicação - sua linguagem - que faz seus componentes se entenderem e transmitirem a vivência que tiveram aos descendentes.

Assim, nosso Brasil, antes mesmo de Cabral, já havia conquistado, pelo Tratado de Tordesilhas, a razão principal para ser tão grande e uno.

Tudo indica que outros navegantes, como o espanhol Vicente Pinzón, já haviam tocado nosso litoral, mas, por aquele Tratado, em ponto que deveria pertencer a Portugal.

Foi Pedro Álvares Cabral, com sua frota, quem aqui plantou a bandeira portuguesa, ainda que em uma escala não programada uma vez que seu destino era as Índias, para onde continuou

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

viagem.

Quinhentos anos são passados e somos obrigados a reconhecer que, se aquela suposta “ilha”, onde aportou a esquadra cabralina, é hoje uma grande nação - íntegra, apesar de suas dimensões e características continentais, devemos a dois fatores principais: um, a língua portuguesa - diferente, embora irmã do castelhano falado pelos demais conquistadores da América do Sul - e, outro, o desrespeito, pelos nativos da terra, daquela limitação tordesilhiana.

Segundo Rocha Pombo, um dos nossos mais notáveis historiadores, o sentimento nativista - de brasilidade - já estava patente na expulsão dos holandeses. À época, Portugal parecia não dar muita importância à sua então colônia americana e foram os nativos - brasileiros, mestiços que já esboçavam a formação de nossa raça, como Henrique Dias, André Vidal de Negreiros e outros -, que estiveram à frente da luta para a retomada do território brasileiro para a Coroa portuguesa.

O avanço além - Tordesilhas foi estimulado pelo próprio reino de Portugal, mas feito também por brasileiros - uma vez que os nativos eram sempre “empurrados” para mais longe do litoral pelos reinóis, privilegiados senhores das terras mais próximas a locais de maiores recursos.

Assim, foram nossos ancestrais bandeirantes - aventureiros, predadores de índios e ávidos pelas riquezas naturais da terra - penetrando o território até onde lhes foi possível avançar sem encontrar resistência dos súditos espanhóis. Tal avanço deu motivo a outro Tratado, o de Madri, pelo qual a Espanha reconhecia o direito de Portugal às terras conquistadas na América e, em troca, os portugueses cediam aos espanhóis o direito sobre áreas por eles apossadas nas Índias.

Fato semelhante aconteceria mais tarde, quando seringueiros brasileiros ocuparam área antes boliviana, hoje Estado do Acre, levando Bolívia e Brasil a encontrarem uma solução pacífica, para o caso, por meio de Tratado que atendeu os interesses de ambas as partes.

Mas, sempre gosto de lembrar o que fez esta nossa Pátria tão grande e tão potencialmente rica; e, é com muito orgulho que posso afirmar: foi tudo em função desta nossa Cuiabá! Sabemos que quando desaparece o interesse de aventureiros por uma região - no caso dos bandeirantes, escravos índios e minerais preciosos -, ela é abandonada e entra em regressão até desaparecer dos mapas. Vimos muitos fatos, como este, em relação aos garimpos, ainda no passado recente. Pois bem, com Cuiabá aconteceu diferente.

Exaurido o ouro que aflorava em seu solo e não mais havendo índios a escravizar, o natural seria a retirada dos conquistadores. Mas, talvez até por desígnio Divino, nossa cidade não desapareceu e, ao contrário, aqui ficou um núcleo de bravos a irradiar a sede de conquista para o Norte e o Oeste, até o vale do Guaporé. Sabiamente, para consolidação destes domínios, o reino de Portugal criou a Capitania de Mato Grosso, com sua capital em Vila Bela da Santíssima Trindade, e para cá mandou figuras nobres e ilustres - da estatura de Luís de Albuquerque, Ricardo Franco, Silva Pontes, Lacerda e Almeida e outros tantos -, visando a definição geopolítica dos novos domínios. Com a decadência de Vila Bela a capital se recua para Cuiabá e daqui continuou a se originar toda resistência às invasões da nossa fronteira Oeste, com muita luta e muito sacrifício.

Permitam-me uma rápida observação que ajudará a ser compreendido o fenômeno da resistência cuiabana.

O homem aventureiro pode construir casa, rancho ou qualquer outra forma de abrigo, mas, sem o concurso da mulher, jamais construirá um lar - que é a morada da família. Abandonar uma casa, diante de dificuldades, é coisa fácil e até natural, porém, abandonar um lar, uma família, já é bem mais difícil. O que houve, pois, é que aqui se constituíram famílias; os aventureiros formaram seus lares unindo-se a mulheres índias - originárias de tribos locais - brancas - trazidas de São Paulo nas monções - ou negras - provindas da África distante. Não poderia, por dever de justiça, prosseguir esta palestra sem prestar especial homenagem àquelas primeiras mães-de-família cuiabanas que aqui

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

enraizaram nossa gente.

O que eu disse até agora é sabido por todos, mas, em uma Casa da importância de uma Assembléia de legítimos representantes do povo, sou levado a reflexões que me afligem, para que uma comemoração de tamanha magnitude não fique apenas na lembrança de “quem foi que ‘inventou’ o Brasil”, como dizia antiga marchinha carnavalesca. Faço estas observações sem qualquer animosidade ou preconceito, apenas, como parte do povo que sou: um aposentado comum, após 35 anos de trabalho efetivo, como inúmeros outros brasileiros, dos quais me destaco tão-somente pelo fato de poder, graças à força de uma função que exerço por puro idealismo e dever de consciência cívica, fazer chegar minhas palavras aos ouvidos dos que têm algum poder para tornar melhor, mais humano e mais justo o nosso País.

Então, neste momento, me vem à lembrança o grande fisiologista alemão Rodolfo Virchow que, em meados do século XIX, já sentenciava, fazendo uma analogia entre um organismo vivo e uma nação: “O corpo é um Estado-célula, no qual cada uma das células é um cidadão”. Portanto, senhores, não pode haver corpo ou Estado fortes, e com boas perspectivas de vida, se suas células ou cidadãos foram fracos.

Fácil fica, pois, a dedução: o maior patrimônio de uma nação é o seu povo.

Como anda nosso povo, ao comemorarmos os 500 anos de descobrimento do embrião que seria o Brasil?

Ignoramos o quanto somos estudados por outros países, principalmente pelos Estados Unidos - terra onde, constantemente, surge um estudioso dedicado às nossas coisas. Destes, lá chamados “brasilianistas”, muita bobagem e previsões furadas têm sido divulgadas; mas, às vezes algo sensato vem à tona. Há poucos dias, senti que fomos profundamente tocados em nossa ferida ao ler uma entrevista de um dos mais divulgados dos tais brasilianistas, Thomas Skidmore, a uma revista brasileira. Abordando o assunto “pobreza”, o entrevistador pergunta: “Por que nos Estados Unidos a coisa é diferente?”. E veio a resposta do entrevistado, sobre a qual temos que muito meditar, uma vez que suas argumentações me pareceram válidas.

Disse ele: “A elite americana tem sentimento de culpa. É um traço do protestantismo. O rico brasileiro não tem sentimento de culpa. O americano fica envergonhado por ter muito dinheiro. Na Califórnia, os empresários que ficaram milionários com a Internet, aos 35 anos, andam desesperados atrás de idéias para criar fundações”.

Considerem o fato que isto foi dito em relação a fortunas conquistadas em negócios éticos e lícitos! Imaginem agora a enormidade da carência daquele humano sentimento de culpa dos nossos ricos brasileiros, principalmente quando sua condição financeira privilegiada teve origem no protecionismo, corporativismo ou corrupção às custas do erário público - isto é, sangra um cofre que é de todo povo!

Até o sociólogo com maior poder de mando no País já vem de público lamentar que a corrupção e a violência, no Brasil, estão atingindo limites intoleráveis. Tal manifestação me serviria de alento se qualquer lamúria pudesse, para sanar tais mazelas, ter a mesma eficácia de uma ação governamental mais enérgica e menos negociável.

Outra importante manifestação recente de americano “brasilianista”, este, intitulando-se lingüista - do qual sequer citarei o nome para que sua má vontade ou asnece não o torne notável. Disse tal estudioso, em estúpida profecia, que a língua portuguesa tenderá a desaparecer dando lugar ao ‘Portunhol’, com predominância do espanhol. Ignoraria ele que, há muito mais tempo, convive na Península Ibérica, Portugal e Espanha, sem que lá haja surgido o ‘Portunhol’, e que dentro da mesma Espanha até hoje é cultivado o catalão e o basco, como base cultural de suas respectivas regiões?

Que maldade! Pressenti nisto um grave ataque à base de nossa verdadeira cultura, ao

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

esteio da nacionalidade e integridade brasileiras - a língua portuguesa!

Mas, talvez, estejamos abrindo muito nossa guarda e aquela desastrada previsão tenha sido motivada por ter, o atacante, percebido que estamos muito descuidados da cultura, que nos fez tão grandes e tão cobiçados.

Comemora-se os 500 anos de descobrimento de um Brasil, que não é o Brasil de hoje, sem que nada seja exaltado, ou ao menos divulgado, do por quê do seu tamanho e importância atuais - como se ainda fôssemos apenas colônia de Portugal. Espaços preciosos, nos meios de divulgação, são ocupados por bobagens ditas musicais que, para se firmarem em vendagem, recorrem à licenciosidade e até a apresenta como se pouca vergonha fosse manifestação cultural de nossa gente.

Verdadeiros absurdos e agressões ao nosso idioma têm obtido patrocínios diversos e estão sendo publicados.

Enquanto isto, nosso autêntico e precioso patrimônio cultural - histórico e literário -, inclusive os mais importantes testemunhos físicos da grandeza de nossa gente, os prédios históricos que deveriam ser museus, estão sofrendo constantes depredações e ameaças de ruína total, por abandono, violações e descasos - com a conseqüente falta de recursos para mantê-los.

Ao terminar, trago a saudação da veneranda Academia Mato-grossense de Letras à egrégia Assembléia Legislativa de Mato Grosso que, numa patriótica iniciativa do seu Presidente promove esta Sessão Solene, agradecendo a gentileza do convite para dela participarmos e dou, às minhas palavras finais, um sentido de conclamação e de alerta.

Comemoramos, muito justamente, os 500 anos do descobrimento que nos trouxe a língua portuguesa, tão bela e tão rica!

Exaltemos nosso amor à Pátria, enorme e maravilhosa, que temos!

Orgulhem-nos por estarmos participando deste grato evento, em solo que foi por nós conquistado!

Mas, sobretudo, repensem esta mesma Pátria e como anda nossa responsabilidade para com ela, preocupemo-nos mais eficientemente com nosso bravo povo - com seu bem-estar, sua edificante história e bela cultura -, ou nossos pósteros não terão muitos séculos mais a comemorar como cidadãos do Brasil grande, uno e soberano que hoje ainda temos. Obrigado.”

O SR. PRESIDENTE (RIVA) - Agradecemos as palavras do Acadêmico João Alberto Novis Gomes Monteiro, Presidente da Academia Mato-grossense de Letras.

Convidamos o Professor Abel Santos para executar na Viola de Cocho a música “Aquarela do Brasil”, de Ari Barroso.

(O SR. ABEL SANTOS EXECUTA A MÚSICA “AQUARELA DO BRASIL”).

O SR. PRESIDENTE (RIVA) - Concedo a palavra, pelo protocolo, ao Deputado Amador Tut.

O SR. AMADOR TUT - Sr. Presidente; Sr. Rogério Silva, representando o Governo do Estado; Sr. Deputado Federal Osvaldo Sobrinho; nobres Pares; nobres acadêmicos que aqui teceram seus comentários.

É até um pouco difícil a nossa pessoa falar posteriormente a essas grandezas estudiosas e intelectuais que aqui falaram e, nós, como nativos que nos consideramos, pois, quando aqui chegaram os portugueses, devíamos estar em qualquer ilha dessas, ou em qualquer sertão desses, porque me considero mais índio do que português.

Mas, quero, nesta oportunidade, tecer alguns comentários até sobre a fala dos que aqui nos antecederam.

O nosso acadêmico conseguiu uma mensagem tão importante até para nos glorificar, não apenas para falar do passado, mas fazer com que a nossa memória sempre se torne autêntica para o

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

futuro.

A sensibilidade da mulher, o seu ser mais frágil, às vezes, usa o visual, a palavra e até o toque para conseguir sensibilizar esse ser vadio que se chama homem, que é o seu filho. Essa é a mensagem que a mulher, que essa professora deixou para transmitir para nós, tintim por tintim, do rio abaixo, do Paraguai acima, até os nossos velhos garimpos. Que maravilha!

O Dr. Díocles, embora tenha dito que a origem dificulta as suas capacidades, mas não é bem assim, isso provou ele, não se importando com a sua cor, conseguindo galgar o degrau por si desejado.

Pode ter certeza, V.Ex^a chegará ao ponto máximo da sua capacidade, onde tiver hierarquia V.Ex^a vai conseguir alcançar.

O nosso Professor que aqui chegou no início de 90, 89, por aí, não foi, Professor? Em 76, eu me lembro que eu estava fazendo uma campanha política, mas era para o Governo do Estado, eu me lembro bem, quando sua esposa me procurou naquela vontade, naquela dedicação, e está aí a prova. Chegaram ele e a esposa com humildade e com um desejo, e, hoje, estão instalados aqui em Várzea Grande, dando aula direto para mais de três mil jovens, e quantos mais já se preparam. Hoje, são outros heróis iguais a eles nos recantos da nossa terra.

O nosso Pastor Sebastião que nos dá talvez um ponto máximo para a nossa civilização na etapa que estamos vivendo hoje. Porque infelizmente teve até um ponto, e o Professor também aqui falou, parece-me que já se retirou, o Prof. Medeiros, foi um dos que falou primeiro, que o nosso Brasil não tem decisões, não sabemos o que nós queremos. O Brasil ainda não criou caminho. Talvez no caminho tenha havido algum erro na criação, assim que os portugueses chegaram não tiveram a paciência de aprender o nosso linguajar e já implantaram a língua deles e foi aí o prejuízo, porque nós já tínhamos centenas e dezenas de anos aqui vividos. Temos hoje só essa quimera de 500 anos. Talvez estivesse como está aí a Índia, um país que tem apenas 1/3 do nosso espaço e tem dez vezes mais população e tem uma vida bem mais comportada, bem mais soberana, bem mais realista do que a nossa.

Eu quero chegar na palavra do Pastor Sebastião. Hoje, de fato, Pastor, nós vamos ter que voltar cada momento a mais, não só apenas pedir a Deus, vamos ter também que agradecer a Deus, e Deus sabe que tem hora que temos que agradecer, porque às vezes teve o sucesso e a gente não agradeceu - e talvez também seja impossível repetir. Mas, a nossa civilização se perdeu, se deflagrou. Hoje, não sabemos quem é o rei, se é o mais bandido ou se é aquele que conseguiu alguma coisa. Disseram aqui que tem umas pessoas a que se referem o nome em outros países, no nosso país tem pessoas a que se referem sim também o nome. Vocês viram aquele estuprador que matou nove, dez, vinte jovens, ele era estampado na televisão, tornou-se ídolo. O Fernandinho Beira-mar, hoje, é um fenômeno, é uma beleza, é uma maravilha de gente! Então, os nossos meios de comunicação pegam a desordem, o desrespeito e transformaram em mito.

Essa é uma das mensagens que eu acho que temos que começar a inverter. Vamos provar para a sociedade que nós temos que dar dote àquilo que nos traz tranquilidade e prosperidade. Podemos até não ter certeza que vamos colher, mas a primeira coisa que nós temos que ter é a vontade de plantar, porque quem planta pode não colher no primeiro ano, mas no segundo é certeza.

Então, essa é uma das mensagens que eu quero deixar aos nossos irmãos portugueses e também meus próprios colegas índios, que não é fazendo essa passeata andando na rua, cansando mais o nosso esqueleto humano que vamos provar para essa sociedade que nós não fomos descobertos, nós fomos sim invadidos, nos invadiram sim e se apoderaram dos deveres que não eram adequados! Está hoje ainda, vamos voltar na reta da caravela que trouxe mil e quinhentos cidadãos para ancorar em Porto Seguro, dezenas de dias...

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

Hoje, com toda tecnologia não deram conta de voltar o jacarandá para a água! Isso não é possível, é uma falta, parece até que Deus não quer... (RISOS)... É para provar aos portugueses que não foi bem assim, que não foi descoberto, foi invadido. Mas não é isto, é apenas para nós pensarmos no passado, nós voltarmos a querer destruir porque não fomos felizes...

Quero também nesta oportunidade, homenagear aqui o nosso companheiro da Viola de Cocho. Um instrumento tão simples, mas fala no mesmo linguajar de toda essa tecnologia inventada pelo Bill Gattes, esse pessoal da *Internet*, faz a mensagem, dá o mesmo recadinho, talvez, até mais sensível e mais cheia de calor humano do aqueles equipamentos gritantes, tentadores da moral do homem... (PALMAS)...

Foi onde, talvez, nós perdemos um pouco da sensibilidade, porque hoje é impossível nós nos reunirmos até em nossa própria casa, conversar e bater papo com os vizinhos, porque os eletrônicos compõem todos os nossos pensamentos e acaba desaparecendo a nossa fala de um com outro. Hoje, você não está tendo mais aquela conversa de pai, filho, marido e mulher, vizinho, vizinha, aquele bate-papo, porque você só vê eletrônicos no meio e a gente acaba ficando totalmente desolado dessa nossa natureza.

Mas eu tenho certeza, Sr. Presidente, que este Brasil, talvez, está reservado para um futuro mais próximo. Eu tenho assistido aqui as “batidas” do Deputado Gilney Viana, que bate duro em defesa da ecologia. Quando ele bate, de vez em quando, até outro, o Deputado Alencar Soares é um que critica muito ele. Ele até disse um dia desses aqui na tribuna: “Olha, gente, se nós continuarmos desse jeito, nós vamos ‘dar com os burros n’água’”. Eu até falei um dia para ele que, talvez, não é que nós vamos “dar com os burros n’água”, nós vamos é faltar com a água para os burros... (RISOS)... Porque do jeito que nós estamos caminhando...

O SR. PRESIDENTE (RIVA - FAZENDO SOAR A CAMPAINHA) - A Presidência concede mais um minuto a V. Ex^a, para encerrar, tendo em vista o adiantado da hora.

O SR. AMADOR TUT - Sr. Presidente, são 500 anos! Tem diferença ficarmos mais três horas? (RISOS)...

Hoje, todos nós que daqui sairmos não teremos outra finalidade, a não ser assistir o jogo do Brasil... (RISOS)... Vocês podem ter certeza que não somos nós que estamos disputando, nós vamos apenas torcer. Ou saber, ou ficar sabendo da vitória é a mesma fatalidade, não vai mudar muito. Agora aqui nós poderemos dialogar, pensar, refletir e talvez até nos sensibilizar de que a sociedade precisa, sim, ser olhada com mais carinho, com mais amor.

Não só apenas, Pastor Sebastião, pedir a Deus, mas também agradecer a Deus. Isso eu tenho observado que as nossas crenças têm olhado muito só para si próprias, se esquecendo, talvez, de olhar para o seu Obreiro. E o Obreiro é a principal peça das suas religiões. É a mesma coisa que aqui nos disseram: a maior fortuna desse nosso planeta chama-se ser humano.

Muito obrigado e que Deus nos dê mais 500 anos para todos nós, porque foram poucos os que passaram essa data de 500 anos, e mais pouco ainda aqueles que estão tendo a oportunidade de ter um microfone, uma platéia, um plenário para falar e ouvir.

Portanto, eu não poderia perder esta oportunidade para agradecer a Deus por ter me dado esta oportunidade. Felicidades a todos! (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (RIVA) - Agradecemos o Deputado Amador Tut e lembramos aos Senhores que ao final nós teremos o Hino do Estado de Mato Grosso, não só executado mas também cantado pelo Professor Abel.

Finalizando esta solenidade, quero cumprimentar e agradecer os palestrantes da noite, o Pastor Sebastião Rodrigues Souza; o Professor Alfredo da Mota Menezes; o Sr. Dráuzio Antônio Medeiros; o Acadêmico Sr. Díocles Figueiredo; a Sr^a Elizabeth Madureira; o Acadêmico João Alberto

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

Novis Gomes Monteiro, Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras; o Exm^o Sr. Vice-Governador Rogério Salles, muito obrigado por nos prestigiarem.

Srs. Deputados; Deputado Federal Osvaldo Sobrinho, meus Senhores, minhas Senhoras, imprensa.

“A terra em si é de muitos bons ares. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á tudo”... Foi assim, com profundo respeito e um tom místico de poesia que Pero Vaz de Caminha descreveu, em carta ao Rei de Portugal, o descobrimento de novas terras na América. As primeiras palavras escritas sobre o Brasil foram mágicas. Desvendaram de uma só vez os encantos naturais, a generosidade e a beleza dos nativos, e ainda profetizaram ao mundo a vocação de liderança do país que estava nascendo.

Da missiva de Caminha até os nossos dias, muito já foi escrito sobre as paragens e o povo brasileiro. Criticou-se governos, sistemas, entidades e até empreendimentos, mas o respeito à gente do Brasil ganhou os ventos como uma melodia de exaltação à dignidade heróica de um povo que resolveu ser reconhecido pela bondade, pela alegria e pela coragem.

Mais do que isso, o mundo nos contempla com um misto de perplexidade e inveja, pela capacidade quase titânica com que perseguimos o desenvolvimento socioeconômico do país. Crises que abalaram o planeta e colocaram antigas potências de joelho, jamais envergaram a soberania e a autodeterminação da comunidade brasileira.

Somos um povo altivo. Uma gente de fibra e valor. Pacíficos por excelência, mas guerreiros em nossas convicções e, sobretudo, devotados ao sentimento orgulhoso de brasilidade.

Habitamos um território de dimensões continentais, de clima favorável e paisagens pintadas com esmero pelo criador.

Por isso mesmo temos a pretensão de considerar Deus um conterrâneo. Uma presunção doce como os frutos que colhemos de nosso solo, suave como a brisa que sopra dos mares verdes deste imenso litoral, belo como as flores que emolduram nossos jardins tropicais e pura como a água que brota nos rios e alimentam todo o nosso exuberante meio de vida.

Senhores Deputados,

Senhoras e senhores:

O Brasil é um país de muitas cores e sotaques. Um país mulato no Nordeste, caboclo no Norte e calcasiano no Sul. Isso tudo misturado a uma boa dose de competentes asiáticos distribuídos por todas as regiões. Portanto, o Brasil se define como a mais importante democracia racial do planeta. Ou seja, a diversidade cultural será a nossa contribuição para o reposicionamento político no concerto internacional das nações para esse novo milênio. Tolerância racial significa justiça.

A fraternidade entre os povos, tornando-os semelhantes perante a lei e iguais nas oportunidades, conseguiu posicionar o Brasil como uma verdadeira usina de saber democrático. Nossas instituições podem ter imperfeições, mas a alma da gente brasileira é cristalina e cândida quanto a pluralidade racial.

O Brasil é uma nação multirracial. E, provavelmente, isso é que a faz tão poderosa e encantadora. Pois, ao contrário do que pregam os filósofos do racismo e da segregação, a miscigenação de caucasianos, negros e aborígenes tem produzido um povo forte, soberano e muito bem capacitado intelectualmente. Obviamente, uma raça predestinada a dominar o mundo.

Com sua rica experiência no campo social, o Brasil tem conseguido estabelecer um novo conceito de tolerância racial e convivência entre etnias diversas. Hoje, mais de duzentas línguas são pronunciadas no interior do Brasil,. Mas, curiosamente, a comunidade se entende através de um único idioma: o português.

O Brasil é o maior fenômeno de lingüística de que se tem conhecimento em tempos

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

modernos, pois o traço que une diferentes culturas, religiões e realidades sociais, em um lugar de dimensões continentais, é justamente o idioma. Foi no Brasil que a língua de Camões ganhou vida e sutileza.

É lógico que por mais vantagens e encantos que possam ter nossa terra, não vivemos nos jardins do Éden. Somos um país perfeito, repleto de imperfeições. Somos uma nação muito jovem, e nossos 500 anos de História ainda não foram suficientes para nos ensinar todas as lições.

Desde os tempos da colonização lusitana, o Brasil se esforçou para se transformar em mercado portentoso e atraente. Vivemos ciclos em nossa economia, onde sempre propagandamos ser os maiores produtores mundiais de ouro, açúcar, borracha e café. Pois bem, hoje o país se posiciona entre as nove maiores economias do planeta, ou seja, o mais poderoso mercado do hemisfério sul.

Contudo, construímos um país de deformidades inigualáveis na distribuição de riquezas. Nossas desigualdades sociais são assustadoras! Almejamos com tanta voracidade a riqueza, que acabamos condenando uma parcela considerável de nosso povo à miséria. Segundo estatísticas recentes, 20% da comunidade vive abaixo da linha da pobreza.

Relato esse quadro, neste momento, porque comemorar o sentimento de brasilidade não significa tapar os olhos para o sofrimento de nossa gente. Não podemos produzir um país de economia forte, onde o povo passa fome; não podemos encher a boca para falar de soberania nacional, num país onde um quarto da população é semi-analfabeta.

O Brasil ainda é um país de contradições e paradoxos. De um lado, o exuberante mercado do terceiro milênio; de outro, um depósito continental de mazelas do terceiro mundo.

Já somos o sexto maior produtor de veículos automotores do mundo, mas ainda não temos estradas decentes para trafegar. Representamos 60% dos usuários de Internet da América Latina, mas ainda temos índices ridículos no saneamento básico.

É obvio que ainda somos uma nação em construção. Ainda buscamos um modelo institucional característico as nossas peculiaridades. Não aprendemos todas as lições, é certo, mas já conseguimos entender que somente o pleno estado de direito, a pluralidade racial e a maturidade política poderão produzir um país melhor, onde as chances de uma existência digna seja igual para todos.

Somos uma democracia. Por isso mesmo, discutimos e apontamos erros. Não nos envergonha expor nossas falhas e nossas imperfeições. Isso só é possível porque somos uma democracia e o único aparelho decantador de nosso espírito inquieto é o debate. Só conseguiremos purgar nossas chagas sociais através da liberdade de expressão e da convivência comunitária.

Temos erros, sim. Mas não temos compromissos com os erros. O modelo de sociedade que tanto desejamos é aquele que iguala ricos e pobres, que gera oportunidades para todos e que permite a livre iniciativa.

O Brasil dos meus sonhos é muito mais forte e soberano que o país dos pesadelos e temores sociais. Pois de tudo que se plantou em terras brasileiras nestes últimos 500 anos, o produto que vicejou com maior virtude e confiança foi a autodeterminação de nossa gente. Nosso país é soberano, porque nosso povo é corajoso e pioneiro. E o que faz a diferença entre o Brasil e os outros países não é a riqueza do solo, a generosidade do subsolo, a abundância das águas, a topografia e o clima favoráveis, a diferença está na qualidade das pessoas que vivem aqui.

É lamentável, entretanto, que um verdadeiro painel de raças e costumes, como o Brasil, venha proporcionando ao mundo um espetáculo de truculência e desrespeito à liberdade de manifestação, por ocasião da celebração dos 500 anos de descobrimento do Brasil, na semana passada em Porto Seguro.

A festa dos 500 anos não tem donos, patronos ou senhores. A festa é do povo. E

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

como tal deve ser entendida. Governos e entidades não têm motivos para comemorar nada. O povo sim deve celebrar sua nacionalidade e sua coragem cívica de confiar nos destinos do país.

Somos um povo que está acima dessas diferenças, pois é mister também entender que os graves problemas que temos são inerentes de um país em desenvolvimento e que devemos superá-los com a participação efetiva de todos os segmentos sociais, gerando idéias e ações que promovam mais igualdade entre as pessoas.

Temos o pensamento de que a dignidade não se ganha; conquista-se pregando o otimismo e enaltecendo os valores mais soberanos da sociedade e do respeito. Sentimos muito mais ainda, que só fermentando em nossas vidas a pregação da cooperação e do comprometimento com a justiça social é que alcançaremos atender aos anseios mais nobres do nosso povo.

A Sessão Solene que esta Casa promove traduz-se em oportunidade para reflexão do que somos depois desses quinhentos anos, para então planejarmos o que pretendemos ser. É uma oportunidade ímpar para que todos aqui presentes assumam o papel de agente diferenciador das ações públicas, para que as novas gerações possam vislumbrar um Brasil cada vez mais justo, mais fraterno e bem mais solidário.

Ao agradecer a ilustre presença de todos, aproveito para externar aos irmãos brasileiros e àqueles que elegeram esta terra para viver os sinceros cumprimentos e que Deus estenda ao Brasil todo as suas bênçãos. Muito obrigado”

O Sr. Carlos Brito - Solicito a palavra, pela Ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (RIVA) - Com a palavra, pela Ordem, o Deputado Carlos Brito.

O SR. CARLOS BRITO - Sr. Presidente, somente para solicitar cópia da Ata desta Sessão Solene e sugerir à Mesa Diretora que mande compilar os pronunciamentos dos ilustres convidados acadêmicos e de todos os outros que fizeram uso da palavra nesta Sessão, para que não deixemos esvaír o conteúdo significativo, de cunho histórico, cultural e mesmo político e sociológico das manifestações aqui apostas, que, com certeza, merecem registro também no nosso Instituto de Memória do Legislativo e, mais do que isso, até uma futura distribuição onde julgarmos conveniente. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (RIVA) - Deferido o pedido do Deputado Carlos Brito.

Solicitamos à assessoria que tome as providências.

Convidamos, neste momento, o Professor Abel Santos para a apresentação das músicas “O Guarani”, de Carlos Gomes, e “Meu Brasil”, imortalizadas na voz de Francisco Alves.

Em seguida, o Professor fará a apresentação também do Hino do Estado de Mato Grosso, executado e cantado.

(O SR. ABEL SANTOS EXECUTA AS MÚSICAS “O GUARANI” E “MEU BRASIL”)

O SR. PRESIDENTE (RIVA) - Convidamos todos a porem-se de pé para ouvirmos o Hino do Estado de Mato Grosso.

(NESTE MOMENTO, O HINO DO ESTADO DE MATO GROSSO É EXECUTADO)

O SR. PRESIDENTE (RIVA) - Queremos convidar a todos para assistirem o balé e ao sarau em frente a Assembléia Legislativa.

Antes de encerrar a presente Sessão, queremos agradecer os palestrantes, a todos os presentes que vieram nos prestigiar, o Vice-Governador, Rogério Salles, Deputado Federal Osvaldo Sobrinho. Que Deus abençoe a todos.

Está encerrada a presente Sessão.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO
BRASIL, REALIZADA NO DIA 26 DE ABRIL DE 2000, ÀS 20:00 HORAS.

Revisada por Maria Aparecida V. Beretta